

# Estertor dos Critérios

## Mapa Sentimental

Será a felicidade um ponto de vista?

O poeta precisa de estar feliz para produzir, senão não tem satisfação, a não ser que a sua emanção literária seja existencial, metafísica. Depois, o corpo enquanto instância de realização do Ser, do desejo enquanto proeminência do desiderato existencial face à ideia de Pertencer.

No afã da realização, o homem precipita-se, espalmado, no espaço em redor e translitera-se como uma mariposa azual, além de si mesmo e da pequenez circunstancial da sua condição de alma, por isso supera-a pela realização do desejo, muitas vezes sublimado, cada um ao seu ritmo próprio. Eis, portanto, os dias políticos de hoje. Portugal precisa de se realizar, é sempre um projecto em aberto...

Cada livro que acabo, prometo a mim mesmo que será o último. Mas continuo, à mesma, tentando as melhores palavras, numa certa forma de exatidão de que falva Fernando Pessoa. Superei a antropologia reflexiva e a filosofia metafísica quando percebi que precisamos da voz e da opinião do Outro, e que muitos filósofos acabam com AVC e doenças do género, tudo menos SIDA, pois, exceto Onfray, não são grandes adeptos dos prazeres da comida e do sexo... Mesmo assim, deixei de ser hedonista e passei a epicurista, qualquer coisa como dar razão aos dias na medida certa, tudo com moderação, nos termos de relações sociais mais ou menos agradáveis, mais ou menos intensas...

Volto à aldeia e o Atelier da Casa do Jardim, volto aos mesmos livros (há quanto tempo não compro livros...), mas exercito a imaginação e lá vou produzindo um texto e outro, que tempo não ser muito sombrio, mero reflexo da minha situação de professor desempregado...

O despreocupado pensa que dura para sempre e logo que acelera um pouco, acaba por se despistar, por meter a cabeça debaixo da serra ou vir ter contra ele algum objecto voador não identificado. Por isso me lembro de David Le Breton (*Antropologia das Emoções*) e do próprio Sartre, em *As Moscas* e, porque não, *A Náusea*...

Surpreendo-me a mim mesmo pensando no quanto é a minha razão contabilística, esqueço-me dos meus inimigos porque preciso de estar fisicamente bem, psiquicamente saudável e vital, pra dar testemunho de qualquer coisa e chegar ao ponto de transmitir esse testemunho a alguém...

A sociedade está cheia de chico-espertos e talvez seja por isso que as igrejas estejam vazias de jovens, apesar da Jornada Mundial da Juventude, que se trata de uma amostra global, nada mais do que isso. Porém, o homem, esse homem que não se quer encontrar consigo mesmo no Mistério de Cristo Sacrificado ou do Sacrário, continua errante e nunca como antes há soluções para a felicidade, elas vendem-se mas também se oferecem, pedindo em troca um pouco de adesão, de entrega, para receber é preciso dar, diríamos nos termos de um certo anti-utilitarismo (Marcel Mauss e Marshal Sahlins)...

Eis, portanto, na tela do quotidiano, uma fuga à reflexão, uma pulsão para fugir para a frente, no risco, no devaneio, no estertor das qualidades existenciais do estar aqui e dali a pouco (já) estar além, diria António Variações e um ou outro tema dos Ban, dos saudosos anos oitenta.

Tártaro, a menina do ET há seis anos que não faz sexo, dizem as notícias, até em Nova Iorque há milagres destes, ou seja, raramente se ouve falar da Igreja americana, a católica, dos frades e monges, porque se sabe que o capitalismo anda em torna da noção do desejo (do corpo enquanto mera realização existencial do Ser, como já sugeri acima.

É isso que caracteriza a América, o ónus da prova, mais ou menos mimética, ou seja, tem de se provar neste mundo que Deus, na realidade existe, se Ele é Cristo ou não, logo veremos, mas as boas notícias é que em princípio sim, é ele...

Não te esforças, reganhas um sentido, uma volátil possibilidade do sentir além das palavras e vozes banais e quando olhas para dentro de ti mesmo tens os olhos postos no universo inteiro, mesmo aquele que ainda não foi descoberto, pois o homem é descobridor, pelo menos nestas paragens ibéricas...

Por vezes, tem de se provar o Bem pelo Mal, e eis aqui Maquiavel e o seu sentido estratégico em favor de uma ideia cara a Locke, como a Foucault (*É Preciso Defender a Sociedade*) a do interesse colectivo.

O homem é por natureza vulcânico, embora goste também da serra, gorgulha por dentro em potência libertadora, é capaz de estar assim anos e anos e partilha com a natureza, a **natura naturans**, um certo carácter telúrico, instintivo, animal, por assim dizer. Espera, desespera, volta a tentar e finalmente desiste. Eis quando, de impaciência literária, explode. E eis que pode dar lugar a novas terras, novos ritos (Van Gennep, *Os Ritos de Passagem*), novas cerimónias, novas encenações do carrossel azul da Feira de Maio de Leiria, do Bodo de Pombal, da Figueira do Santana...

Victor Mota